

SÁNCHEZ TRIGO, ELENA (2001)

Teoría de la Traducción. Convergencias y divergencias, Vigo:
Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo

VIVINA DE CAMPOS FIGUEIREDO

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE COIMBRA

Trata-se de um livro que se configura como a sistematização, ainda que sempre provisória, dos contributos teóricos que têm emergido ao longo dos tempos em vários quadrantes geográficos, assentes em substratos ideológicos também diversos - uma arrumação ou, como prefere a Autora, um traçado de linhas convergentes e divergentes, que é essencial para a compreensão de uma realidade complexa e multifacetada como é a Tradução.

A obra estrutura-se em duas grandes partes, sendo a primeira - intitulada "Objeto de Estudio y Desarrollo Teórico" - constituída por três capítulos e sendo a segunda formada por dez "Vértices del Debate Teórico". Cada um dos treze capítulos é seguido de uma bibliografia, concebida e organizada de forma temática, a pensar expressamente numa consulta facilitada.

O Capítulo 1 faz uma recolha de elementos com vista à **definição** de "tradução" no sentido, já restringido, de "tradução interlinguística" proposto por Roman Jakobson em 1959. Mesmo assim, tomado já numa acepção delimitada, o carácter polissémico do termo 'tradução' convida a várias explicitações. O duplo sentido do vocábulo 'tradução' - que denota o acto e o efeito da actividade de traduzir - tem um correlato no âmbito do estudo da referida actividade, que corresponde às investigações sobre a tradução como processo e aos estudos sobre a tradução como produto: dois pontos de vista muito úteis e sobre os quais a Teoria da Tradução recorrentemente se debruça. Outros aspectos da tradução são aqui apresentados como, por exemplo, tradução automática e tradução humana; tradução e interpretação; tradução literária e tradução de textos convencionais (não literária?). Das várias definições de 'tradução' apresentadas a Autora retira alguns elementos que considera imprescindíveis a uma definição de tradução,

nomeadamente, a sua natureza comunicativa, (inter)textual, intercultural, inter-subjectiva, criativa e 'contextual'. A fechar o capítulo, ainda há espaço para contemplar aquilo de que o tradutor necessita para levar a cabo um trabalho com a complexidade aludida, i. e., a **competência tradutora**, uma área de investigação teórica e empírica ainda em processo de desenvolvimento.

"Cuestiones epistemológicas" é o conteúdo do Capítulo 2. Aqui abordam-se questões muito pertinentes como, por exemplo, a relevância dos desenvolvimentos teóricos para a prática da tradução. Diferencia-se entre a conceptualização teórica levada a cabo entre a Antiguidade e os meados do século xx como resultado da reflexão dos tradutores e os estudos sistemáticos sobre a tradução que têm vindo a proliferar sobretudo depois da II Guerra Mundial, analisando-se algumas causas desse florescimento teórico. São feitas algumas considerações sobre as dificuldades relacionadas com a denominação e o objecto da Teoria da Tradução, apresenta-se a organização estrutural desta área do saber proposta por J. Holmes em 1972, bem como outras vozes, quer complementares quer discordantes. Termina o capítulo uma reflexão sobre a metodologia e os objectivos que uma Teoria da Tradução se deve propor.

O Capítulo 3 apresenta, como o título explicita, os "principales enfoques teóricos" que sobre a tradução têm surgido ao longo dos tempos. Após apresentar outras tentativas de sistematização como a de Nida e a de Steiner, a Autora estabelece dois macroperíodos em que integra as **tendências dominantes da reflexão teórica** produzida. Assim, no primeiro macroperíodo que se estende desde o ano 46 a. C., em que Cícero inaugura o discurso sobre a tradução, até meados do século xx, a Autora regista os vários picos de actividade quer de tradução quer de reflexão sobre a mesma. Deve assinalar-se que alguns desses pontos altos ocorrem em momentos relacionados com a tradução da Bíblia: é o caso do séc. iv d. C. com São Jerónimo, dos sécs. xv e xvi com M. Lutero e do séc. xx com E. Nida. Há, no entanto, outros períodos de intensa actividade motivada por outros acontecimentos: é, por exemplo, o caso do Renascimento com a redescoberta dos autores clássicos e a invenção da imprensa. São a seguir indicados os autores mais importantes, considerados precursores de algumas das tendências actuais da Teoria da Tradução: Étienne Dolet (séc. xvi), George Chapman (sécs. xvi-xvii), Gaspar de Tende (sécs. xvii-xviii), John Dryden (séc. xvii), Alexander Fraser Tytler (séc. xviii), Schleiermacher (séc. xix), Ortega y Gasset, W. Benjamin e Valéry Larbaud (primeira metade do séc. xx). A partir da II Guerra Mundial as actividades de tradução e teorização intensificaram-se tendo-se registado sobretudo nas últimas três décadas um desenvolvimento sem precedentes. Dada a impossibilidade de arrumar em períodos estanques com carácter monolítico os desenvolvimentos teóricos produzidos, a Autora faz uma proposta de os encaixar em dois grandes paradigmas. O **paradigma linguístico** inclui todos aqueles posicionamentos teóricos baseados na

Linguística, desde os primeiros, de orientação prescritiva e já superados, aos mais actuais, inspirados pela própria evolução da Linguística, plasmada em investigações levadas a cabo por disciplinas como a Linguística do Texto, a Análise do Discurso e a Pragmática. No âmbito destas abordagens textuais e comunicativas surgiram várias ramificações em que são tidos em conta os factores intratextuais e extratextuais. O outro grande paradigma é aqui designado por *Translation Studies*, embora me pareça que a designação se presta a gerar confusão, sobrepondo-se à denominação da disciplina – Translation Studies – que Holmes concebeu como inclusiva de todas as actividades relacionadas com o fenómeno da tradução. Trata-se, na verdade de um **paradigma** que podemos chamar **descritivo**, que aparece em parte como reacção ao paradigma linguístico e em parte para preencher uma lacuna que se fazia sentir na abordagem da tradução dos textos literários. O seu suporte conceptual é a Teoria dos Polissistemas proveniente da Teoria da Literatura e a abordagem que promove é descritiva, com o incontornável recurso à história, à cultura e à ideologia.

A segunda parte, expressivamente intitulada “Vértices del Debate Teórico”, desenvolve e aprofunda amplos temas e problemáticas recorrentes na Teoria da Tradução e que foram mais esquematicamente afluídos no capítulo três. Sobre esses aspectos são recolhidos as principais perspectivas e posicionamentos, desde os mais clássicos aos mais recentes, dos mais pacíficos aos mais controversos. Assim, são debatidas **as possibilidades e os limites da tradução**, o que contribui para delinear um campo para esta actividade ainda que as suas fronteiras sejam algo difusas. A questão da **equivalência** e as suas variantes constitui um conceito a que a teoria sempre volta uma vez que ele determina a própria concepção de tradução de cada teorizador. As **unidades de tradução** permanecem um conceito-chave dos estudos sobre tradução por ajudarem ao processo de tradução bem como à análise do mesmo. As **tipologias textuais**, uma questão aparentemente mais do âmbito da Linguística, têm sido objecto de estudo dos teorizadores da Tradução dadas as óbvias implicações da diferente natureza dos textos para a tradução. O estudo do **processo de tradução** tem recebido nos últimos anos importantes desenvolvimentos, que se justificam em parte pela relevância que podem ter para a didáctica da tradução. São ainda apresentadas várias propostas de sistematização de **tipos de tradução** bem como de **procedimentos** levados a cabo no exercício da tradução. Por último, a Autora dedica um capítulo à **ética** e à **deontologia**, que são duas faces desejáveis na mesma moeda: a ética que envolve as relações entre a atitude individual do tradutor e a própria actividade entendida como instituição sócio-cultural; a deontologia que visa afirmar a identidade de um colectivo profissional com funções, direitos e deveres.

Em suma, aproveitando a metáfora da Autora na “Presentación”, ler este livro é fazer uma viagem de navegação, sim, mas apoiada num inestimável mapa-guia que conduz o leitor pelos meandros dos itinerários e pontos necessários.